

Religião e literatura: considerações sobre o sagrado em *o nosso reino*

Taynara Ribeiro Pessoa

Doutoranda em Estudos Literários

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

E-mail: taynarar Pessoa@gmail.com

Bolsista Institucional (UFJF)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8654-8074>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 6

Número 1

Recebido em: 05/11/2020

Aprovado em: 14/12/2020

Resumo

Este trabalho apresenta questões sobre a imbricação entre o universo da religião e da literatura na obra *o nosso reino* do autor Valter Hugo Mãe. Para tanto, o objetivo é demonstrar como a prosa-poética do autor nos permite refletir sobre a nossa experiência diante do sagrado, devido a sua construção estética e temática. Ademais, essa perspectiva é acrescida de uma análise comparada da obra com o *Livro de Jó* bíblico, devido à clara intertextualidade presente entre as obras. Por fim, é importante dizer que a metodologia de análise utilizada teve seu embasamento na perspectiva da hermenêutica ricoeuriana.

Palavras-chave:

Teoria Literária; crítica literária; sagrado; teopoética

1 Introdução

Este artigo é fruto de uma investigação da pesquisa de doutorado da autora, que propõe uma análise teórico-crítica da prosa poética do autor português Valter Hugo Mãe, a partir do enfoque da religiosidade, em seus primeiros romances. Para tanto, cabe destacar que essa investigação, além de privilegiar essa temática, busca igualmente, dentro das possibilidades, estruturar uma metodologia para os estudos sobre literatura e sagrado, oferecendo a produção crítica um novo olhar, que revele as imbricações entre esses dois imaginários. Por esse motivo, antes de apresentar uma análise conjectural do objeto, é necessário problematizar a abordagem teórico crítica utilizada para essa leitura. Assim como pontuar, que nesse texto não será possível demonstrar toda a análise da obra, mas sim os primeiros apontamentos que tecemos a partir dessa proposição.

Sabemos que a análise literária assume perspectivas mais definidas com Platão (séc. V-IV a.C) e Aristóteles (séc. IV a.C), filósofos gregos, que discutiram o caráter do objeto literário, assim como sua função social para a sociedade na Antiguidade Clássica. Platão se ocupa da reflexão em *A República*, e Aristóteles na *Poética*, porém, não pretendemos nos ater às teses defendidas pelos autores, o que se quer é apenas realçar a pertinência da problematização dos estudos literários e seus respectivos métodos críticos, visto que, depois das formulações propostas por estes filósofos, a sociedade ocidental nunca mais abandonou o conjunto de questões que se formularam sobre o objeto literário.

Para tanto, duas disciplinas, ambas surgidas na Antiguidade Clássica, contribuíram para os estudos da literatura, estabelecendo normas e diretrizes para a produção literária e sua avaliação crítica. A primeira delas, a retórica, tinha como objetivo analisar os recursos possíveis de dotar de eficiência a argumentação e o trato com as palavras. Enquanto a segunda, a poética, reconhecida na obra de Aristóteles, ocupava-se dos estudos dos gêneros. As duas disciplinas caminharam lado a lado durante um longo período, delimitando grande parte das reflexões sobre a literatura, entretanto, na passagem do século XIX para o XX, no período pós-romântico, o historicismo, tendência intelectual do período, entra em cena e modifica e amplia o âmbito das análises literárias, que, a partir desse momento, se veem atreladas às pesquisas históricas.

Essa mudança de paradigma deu início ao surgimento de diversas correntes teóricas que influenciam a produção teórico-crítica de literatura até os dias atuais. Dentre as correntes que se destacaram, a partir do referido período, temos: as teorias semióticas e semiológicas, a teoria formalista, a teoria estruturalista, a teoria fenomenológica, a teoria psicanalítica, a teoria do *new criticism*, a teoria da estética da recepção, a teoria marxista, a teoria genética, a teoria desconstrutivista, a teoria dos estudos culturais e ainda outros estudos derivados dessa última. É importante ressaltar que apesar de as teorias literárias contemporâneas refutarem

os modelos de crítica produzidos no século XIX, tais como as críticas subjetivistas e naturalistas, ainda assim esses modelos exercem grande influência no ensino de literatura e em muitas produções de análises críticas atuais.

Portanto, o que se pretende elucidar com a análise da prosa poética de Valter Hugo Mãe, para qual demos destaque a obra **o nosso reino**, primeira publicação do autor, são as reflexões construídas sobre uma proposição de produção crítica mais pertinente, que coloca em diálogo as teorias literárias e a hermenêutica proposta por Paul Ricoeur.

2 Hermenêutica ricoeuriana: uma abordagem interdisciplinar

De acordo com Adna Candido de Paula (2008), Paul Ricoeur dialogou com a tradição hermenêutica e propôs a configuração do arco hermenêutico, que ampliou a compreensão da teoria da interpretação. Para tanto, o arco hermenêutico compreende três momentos da interpretação: (i) o da pré-compreensão, também chamado de conjectura, que representa o primeiro contato com objeto/discurso a ser interpretado; nesta fase o interpretante faz uso de seu conhecimento de mundo, sua perspectiva histórica de interpretação, com tudo que ela compreende, sua dimensão política, social e ideológica; (ii) a da explicação, que representa a segunda fase na qual se utiliza o método fenomenológico, herdado de Edmund Husserl, da *epoché*; trata-se de colocar entre parênteses todos os elementos externos à materialidade do objeto/discurso a ser interpretado, permitindo que se atente para a complexidade dessa estrutura; (iii) o da compreensão, propriamente dita, no qual os parênteses da segunda fase são retirados e, após se observar e analisar em profundidade a dimensão estrutural, volta-se a inserir no ato interpretativo as dimensões histórica, social, política, ideológica, entre outras. O arco hermenêutico permite que se interprete um objeto/discurso em sua totalidade possível, considerando sua dimensão formal e de conteúdo, além de considerar o importante sentido da historicidade da interpretação, tanto na fase da conjectura quanto na da compreensão.

Assim, o filósofo francês elaborou sua teoria da interpretação a partir da análise de métodos, tais como, o da exegese, passando pelos métodos da história, da psicanálise e da fenomenologia da religião, seu objetivo era propor uma ontologia da compreensão. Paula (2008) denomina a estrutura do discurso filosófico ricoeuriano como teia dialógica e nos apresenta sua proposição da tríplice mimesis, elaborada para o estudo dos textos:

A primeira mimesis é a pré-figuração, ou seja, é a pré-compreensão comum do mundo que, em termos literários, representa as escolhas que o escritor faz dos elementos que ele elege no mundo real para serem transformados esteticamente no mundo ficcional da poesia ou da prosa. A segunda mimesis

é a configuração, tratase da relação entre escritor e obra, mais especificamente, é o trabalho de configuração estética empreendida pelo autor no tratamento dado ao material colhido na pré-figuração. A configuração é o intermédio entre a pré-figuração e a refiguração que representa a terceira mimesis. É na refiguração que se dá a junção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, visto que é no ato de leitura que esse primeiro se manifesta. O texto ganha, na configuração, autonomia em relação ao autor e ao contexto visto que ela constrói um todo heterogêneo que tem por referência o mundo mimetizado, mas que, por outro lado, se distancia dele pela inovação metafórica; nesse sentido, toda narrativa é uma concordância discordante. Como referência primeira que se abre potencialmente para a segunda referência, a narrativa ficcional oferece, à realidade comum, novas possibilidades de ser no mundo (PAULA, 2012, p. 244).

Porém, é necessário frisar que os estudos do filósofo não eram direcionados para o estudo e criação de teorias literárias, entretanto o que Paula (2008) nos aponta é que sua teoria da interpretação oferece um modelo para se problematizar as teorias literárias. A autora elenca duas contribuições principais: a primeira é de ordem temática, pois ele configura o mundo do texto como um mundo poético e ético, além de tratar de temas como temporalidade, historicidade, representação e o caráter polissêmico da linguagem; a segunda contribuição é de ordem formal e também temática, é uma questão de posicionamento perante o outro, compreendido aqui como o texto, essa contribuição faz parte da prática de se disponibilizar para a leitura, para escutar o que ela de fato tem a nos dizer.

Para tanto, os estudos de Paula (2008) sobre a filosofia ricoeuriana permitem elaborar uma proposição de diálogo entre as teorias literárias, baseada no princípio de respeito à manifestação dos sentidos do texto no ato da leitura, o que está na contramão da noção de “aplicação” de teorias literárias no processo de análise das obras. Assim, por compartilhar e acreditar em um processo menos excludente e mais interdisciplinar de análise crítica literária, essa investigação se apropria dessa metodologia para elaborar a análise da obra **o nosso reino**.

3 A estética do trágico em o nosso reino

A obra **o nosso reino** relata a história de benjamim, uma criança de oito anos, angustiada com a questão do divino. O romance tem como enredo de fundo o tempo da revolução em Portugal, o antigo regime e os dogmas da igreja, que em comunhão geram uma receita cruel para os pequenos moradores da vila, onde se passa a narrativa. A partir do imaginário de benjamim, visitamos o mundo terreno e celestial que se materializa por meio das palavras do menino e dos demais personagens da obra, a exemplo do amigo manuel, da mãe de benjamim e do pequeno núcleo familiar composto por seus irmãos, pai, avós e tia.

Quanto aos aspectos estilísticos que merecem destaque, é importante observar a estética da prosa poética do autor. Mãe utiliza apenas letras minúsculas em seu texto, alegando que o recurso é uma tentativa de simplificar sintática e graficamente a narrativa, na expectativa de aproximar a escrita da fala, pois segundo ele as pessoas não falam com maiúsculas. Além disso, o autor também acredita que o uso de minúsculas cria uma aceleração na leitura, agilizando o texto. A partir dessas reflexões, é possível dizer que a estética empregada pelo autor vem ao encontro das narrativas contemporâneas, que não necessariamente se valem desse mesmo recurso, mas se aproximam de maneiras distintas da fragmentação, do efêmero e da desconstrução.

Com relação ao conteúdo da narrativa, foi possível criar uma associação de **o nosso reino** com a concepção da tragédia, no que diz respeito ao sentimento trágico da existência que a história suscita e que, normalmente, colabora para a configuração formal do gênero trágico. Entretanto, é necessário compreender que a estrutura do romance não é tipicamente trágica, pois não corresponde à ordem usual da tragédia aristotélica, que elenca seis elementos de fundo e forma como: a fábula, o caráter, as ideias, as falas, o espetáculo e o conto. E na qual, o primeiro ainda se divide em três elementos, que são: a peripécia, o reconhecimento e o patético. Para tanto, vale dizer que o ponto de partida de compreensão do gênero trágico é a definição aristotélica feita na **Poética** como: “imitação de acontecimentos que suscitam o terror e a piedade, tendo por efeito a purificação dessas emoções” (ARISTÓTELES, 2005. p.33). Entretanto, a análise não irá se debruçar, neste momento, com essa perspectiva, pois focou-se no conteúdo trágico do objeto, que a partir dessa leitura simboliza o caráter terrífico da existência.

Para tanto, Ricoeur (2015) afirma que a visão trágica da existência está ancorada na tragédia grega, isso porque a compreensão do trágico estaria na repetição da experiência trágica clássica, uma vez que ali reside o aparecimento autêntico desse gênero e a essência de seu fenômeno. O que autor demonstra com isso é que o exemplo grego revela o âmbito teológico do trágico, ou seja, uma visão trágica do divino, pois é na tragédia que o homem “cego” tem seu destino determinado pelos deuses, ficando a mercê da vontade divina, como identificado nesse trecho da narrativa de Mãe, na qual benjamim externa sua aflição: “a dona ermelinda, era eu novo ainda, punha a mão na minha cabeça e dizia, um rapaz só chora se deus deixar. era algo de muito confuso para uma criança, a cada passo decidir se deus deixava ou não (MÃE, 2012, p.67).

Assim, para benjamim, a presença de Deus não era um motivo de confiança, ele se sentia vigiado pelo Deus que o observava, oscilando entre a noção jurídica da culpa e religiosa do pecado. Essa ideia colabora para uma reflexão que perpassa toda a narrativa que é o sentimento de desassossego do personagem que, ao não compreender os desígnios de Deus, sentia-se desamparado, acolhendo assim um sentimento fundamentalmente trágico, pois a condição trágica da existência é

atrelada à liberdade do sujeito, a falta de garantia perante a vida é o que confere essa vivência. O menino sentia o olhar de Deus sobre os homens, como um vigia de seus comportamentos e escolhas:

o barulho das crianças chegava até nós como algo mais distante do que se via. parecia que estávamos a assistir a tudo sem fazermos parte. como dois espíões. e eu acreditei que era de um lugar assim que todas as regras naturais nos comandavam. a ver-nos de cima, ajustando os olhos aos nossos passos, calculando a nossas horas. como deus também deve ter assim uma varanda, enorme e a toda a volta, com vista para todas as terras que criou, e deve ficar ponderando que coisa optámos certa ou errada (MÃE, 2012 p.149).

Nessa perspectiva, benjamim parece reconhecer a grandiosidade do criador, e como o homem se reduz a nada diante dela. A essa reflexão assemelha-se o conceito de *Hybris*, que para os gregos é entendido como qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com as divindades e com a ordem do mundo. Nessa perspectiva, a *Hybris* seria a injustiça por meio das transgressões dos limites, para Aristóteles a ofensa gratuita e a insolência aos outros pelo prazer de sentir-se superior configurariam esse aspecto. Portanto, a compreensão dos limites e a dimensão da finitude humana exposta em **o nosso reino**, como no trecho: “e ficámos olhos esbugalhados a ver o senhor Manuel. Calámo-nos culpados, a ira de deus estava sobre nós” (MÃE, 2012, p.130), é um reconhecimento da hierarquia entre Deus e o homem.

Assim, é possível dizer que o reconhecimento dessa hierarquia suscita na narrativa, e no próprio personagem benjamim, uma experiência com o sagrado que é terrífica, semelhante à noção de pavor diante do *mysterium tremendum*¹. Benjamin encontram-se diante de um temor religioso, o que Rudolf Otto (2007) nomeia como experiência numinosa, na qual diante da potência do Criador o homem não passa de uma criatura, que, de acordo com os termos expressos por Abraão, em Gênesis é poeira e cinza.² Para tanto, se analisarmos a ação humana do ponto de vista do numinoso, descrito por Otto (2007), é possível dizer que viver é o risco de ser surpreendido pelo imponderável, pela própria falta de sentido que há na vida, assim como alegoriza o romance:

e sem conhecer os tempos de deus como tudo se deixava ao acaso da minha imaginação e conhecimento. como se tornavam aleatórias as ocorrências e me parecia a caminhada para a ascensão tão aterradora. quanto mais me

¹ O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o tremendum, ou a majestas, ou o mysterium fascinans mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o ganz andere: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural (ELIADE, 1992, p. 12).

² Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza (Gn, 18, 27).

convencia da providência divina, como me convencia de que a morte nos levaria à salvação, mais sofria pela forma cruel como nos era dado acabar, e acabavam-se as pessoas pelos cantos (MÃE, 2012, p.151).

Ainda nessa perspectiva, podemos dizer que a ação humana pode ser compreendida como uma espécie de desafio ao futuro. A experiência trágica representa em si, mais do que isso, porque é também um desafio aos deuses e ao destino. Assim, a perspectiva do trágico delibera o duplo caráter do agir ao herói, isto é, ela o coloca diante do desconhecido, do incompreensível no mundo, fazendo com que ele se aventure em um campo de forças sobrenaturais que atuam arbitrariamente, às vezes a favor do herói, às vezes contra, agindo para seu infortúnio e fracasso. Caberia aqui uma reflexão no campo da ética do agir que conflui para a perspectiva da existência do mal em nós e no mundo, isso porque a liberdade do sujeito não é o que determina sua felicidade. A doutrina aristotélica mostra que a escolha individual não é, em si, o bem absoluto, mas sim, um bem relativo que sempre sacrifica alguma parte desse a outra parte que se apresenta, o mal menor, como é possível confirmar neste trecho da narrativa:

e era na mesa que mais nos falava, era da dona tina e do menino da tia cândida, o josé, que seriam triste um e feliz o outro em compensação, que tudo no mundo se compensa, e deus não pode dar mais do que isto, confessava. Procurei entender, a cada segundo, se estava lúcida ou louca na divagação que fazia, mas era impossível saber da realidade ou fantasia se falava coisas de deus. e que dor, que dor tão grande a de permanecermos neste desconhecimento e eu disse, há uma maçã no fundo do poço, perguntei, mãe, há uma maçã no fundo do poço (MÃE, 2012, p.128-129).

Ainda sobre o aspecto trágico da narrativa, é preciso destacar que a questão que fundamentalmente desencadeia as reflexões de benjamim com o divino e o destino trágico da humanidade está atrelada a concepção da morte, representada na narrativa com a simbologia do “homem mais triste do mundo”. Logo no início do romance, é relatado um desastre natural, no qual o mar invade a vila e muitos homens naufragam a entrada das docas. Perante o ocorrido, a vila é tomada pelo medo, e o personagem principal relata seu primeiro contato com a morte:

eu descobri muito cedo, o homem mais triste do mundo recolhia os mortos, juntava-os um a um nos braços, e dava-lhes terra e silêncio para comerem, até que parecessem a terra e o silêncio e os pudéssemos voltar a ter entre nós, como os que ficavam segurando e rodeando as flores do jardim só capazes de sussurrar na aragem mais leve (MÃE, 2012, p.12).

A simbologia da morte no romance, assim como a metáfora do homem mais triste do mundo, pode ser compreendida, em um primeiro momento, como uma alusão ao coveiro, homem que desempenha a função de enterrar os mortos. Porém, na sequência da narrativa percebe-se que a expressão ganha contornos vários, em muitos momentos de ordem inexplicável, assumindo características não de um ser,

mas de um sentimento, lido aqui como o medo da morte ou daquilo que não nos é palpável: “claro que temi sempre que viesse por mim, por isso media os meus atos, temia a deus, qualquer erro poderia abrir-me as portas do inferno, que a minha convicção era a de que ficar vivo muito tempo significava merecer (...)” (MÃE, 2012, p. 13-14).

Ademais, compreende-se que para benjamim a compaixão do criador é carregada de temíveis exigências, tornando o homem responsável por todos os seus atos perante a Deus, inclusive pelos que determinariam ou não a vinda do homem mais triste do mundo. Nesse aspecto, retomamos ao conceito da verdade trágica porque o homem deveria poder, no uso de sua liberdade, viver em paz com Deus e em harmonia com os seres e as coisas, entretanto, benjamim se sente dependente da vontade misteriosa dos desígnios do criador, o que o deixa na incerteza sobre si mesmo e sobre Deus, como identificado no trecho: “rezei para o silêncio de sempre, para aquela escuridão do quarto, onde tanto desejava ver deus surgir, para me encarar, para me explicar o que poderia ou não saber. e voltava aquele lamento do homem mais triste do mundo” (MÃE, 2012, p.121). Esse sentimento da verdade trágica que coloca em suspensão a crença em Deus, também é bem representado pela personagem de dona tina, mãe do menino manuel, quando diante da iminente perda do filho carlos pronuncia-se:

esta noite, a meio da noite, muito escuro lá fora, um silêncio, acordei mais uma vez, e pensei no meu menino, a ouvi-lo soluçar, e não senti deus, não acreditei nele, comadre, fiquei sozinha, pela primeira vez na minha vida, fiquei sozinha, não me aconteceu nem quando morria eu, que morria convicta de que caminhava para o céu, e chegava a ter felicidade ao saber que morria, porque estava ali o meu momento e era deus quem o criava. esta noite, comadre, deus não existia, e eu tentei que me acudisse algum espírito que dissesse algo, e não veio ninguém. não senti nada (MÃE, 2012, p.66).

Com essas considerações apresentadas, é ainda necessário comentar sobre a clara intertextualidade que a narrativa estabelece com a tradição bíblica e, em específico com o *Livro de Jó*. Isso porque, o romance indica a relação entre os dois reinos: o celestial, de Deus; e o mundano, dos homens.

4 O Livro de Jó: uma análise comparada

O **Livro de Jó** faz parte do Antigo Testamento e está inserido nos escritos sapienciais, nos quais é possível perceber que os homens não tinham uma concepção de relacionamento pessoal com Deus. A história narra a vida de Jó, um homem que temia a Deus e honrava seu nome, comportamento que Deus reconhecia e valorizava. Entretanto, Deus permitiu ao Satã colocar Jó a prova e,

assim, ele sofreu duras provações, mas permaneceu fiel a Deus, tendo sua vida restabelecida ao final de todo o sofrimento.

Assim como em **o nosso reino**, a leitura de Jó nos permite uma associação da narrativa à configuração trágica, principalmente, com relação a sua estrutura temática, entretanto, o desenrolar das ações é feito de maneira diversa em ambas as obras. No **Livro de Jó**, o nó trágico da narrativa é construído no momento em que Satã questiona a conduta de Jó na assembleia dos Filhos de Deus, o que desencadeia uma contradição irreconciliável, pois ao questionar a conduta de Jó, Satã instiga o elemento possibilitador da tragédia, a oposição homem/imperfeição, que é a separação ontológica que faz do ser um homem trágico. Para tanto, no **Livro de Jó** a contradição trágica se instaura primeiro no mundo divino e em segundo momento entre Deus e o homem, entre Deus e Jó.

Porém, em **o nosso reino** não é possível identificar com clareza o nó trágico, ou o elemento possibilitador da sequência de fatos que assolam a vida do menino benjamim, tudo é desenlace, com exceção da loucura da mãe do menino, que parece ter se desenrolado após o pacto em que oferece a vida da comadre tina pela vida do sobrinho José, filho da tia cândida, mas sobre a qual a análise não irá se debruçar agora, pois a ação poderia ser analisada como um recorte dentro da narrativa. Para tanto, as ações que afetam diretamente benjamim, como o alcoolismo do pai, a morte dos irmãos e o suicídio da mãe, todas elas apresentam-se como uma sequência de fatos sem um elemento fundador. No entanto, benjamim é confrontado pelo destino, a sua liberdade é tolhida e sua vida arrasada, o que permite o nascimento da emoção trágica por excelência:

e nada do ruído, carpindo a vila inteira a desgraça de uma família tão assinalada, produzia um regresso ao que era antes. os meus irmãos já estavam mortos e encontra-los assim era o mais que se haveria de recuperar. eu e a minha mãe agarrados por todos, que entre males e medos a tragédia trazia mãos e braços em redor, que queriam segurar-nos como se nos puxassem do fundo de um poço para onde íamos caindo sem amparo (MÃE, 2012, 145-146).

A figura do destino em **o nosso reino**, responsável pelas perdas do menino benjamim, pode ser aqui compreendida como os desígnios de Deus ou das forças divinas capazes de interferir ou influenciar a vida do homem, as quais damos o nome de Moira³. Porém, há ainda a possibilidade de conferir a essas ações o descuido da criação ou um relapso de Deus, apontamento esse tecido por

³ Em seguida veio Têmis, que é a Lei personificada, ou melhor, a Constância do Mundo. Primeiro ela deu ao rei três filhas, as Estações (ou as Horas, como as denomina impropriamente a tradição) chamadas Irene (a Paz), Eunomia (a Disciplina) e Diké (a Justiça); depois outras três, que foram as Moiras (os Destinos): Átropos, Laquesise Cloto, as três “Fiandeiras”, que tecem nos Infernos o destino de todos os humanos. A união com Têmis é evidentemente um mito filosófico, de pura intenção simbólica. Ele mostra como Zeus, o todo poderoso, é a encarnação da Ordem eterna e como o Destino, ao qual ele obedece, em nada limita sua onipotência, uma vez que o Destino é, em última análise, uma emanção do próprio Deus (GRIMAL, 2013, p.36).

benjamim, em sua inocência, em alguns trechos da narrativa, quando citava as terras que Deus desconhecia, como no trecho: “em angola tudo podia acontecer, porque os lugares eram ermos, esquecidos de tudo e de todos e deus não devia saber sequer que eles existiam” (MÃE, 2012, p. 44).

Partindo dessa reflexão, recupera-se também uma possível alusão ao termo bíblico Xeol⁴, palavra de origem desconhecida, que designa as profundezas da terra, onde os mortos “descem” e onde bons e maus se confundem e têm sobrevivência apagada, onde Deus não é louvado. O termo aparece em vários livros bíblicos, com algumas alterações na conotação. O livro de Isaías faz referência ao termo: “Nas profundezas, o Xeol se agita por causa de ti, para vir ao teu encontro; para receber-te despertou os mortos, todos os potentados da terra, fez erguerem-se dos seus tronos todos os reis das nações.” (14,9) assim como o Gênesis: “Todos os seus filhos e filhas vieram para consolá-lo, mas ele recusou toda consolação e disse: “Não é em luto que descerei ao Xeol para junto do meu filho.” E seu pai o chorou” (Jó, 37, 35). Essa alusão é importante, pois é como se o mal que assola o personagem fosse tamanho, que a única justificativa plausível para ele ocorrer fosse em um lugar fora do domínio dos céus. Assim, as perdas que benjamim sofre, levam o menino aos limites da dor existencial:

fiquei de longe, na missa vazia dela, quase desligado do seu significado, com os habitantes da vila a descarnarem-me naquele pedido de benção repetido e pesado e já misturado com o desprezo de outros que pareciam querer bater-me, marcar-me propositadamente o corpo, como a punir-me pela representação tão viva da desgraça. era tudo como mil gotas de água incidindo minuto a minuto na mesma pedra dura, eram mil mãos constantemente a verterem, sobre a minha cabeça menos macia, uma carícia mais e mais insuportável que me debastava o cabelo, a pele, a carne. feito ferida em cicatrização lenta e doída, custava-me tudo. sozinho como job, garantira a dona tina. e todos sabiam de tudo como se a lenda fosse real e entre as provações divinas eu emergisse para a loucura. sem regresso, ao contrário de job, sem regresso. Um santo a esgotar-se, como energia que se esvai ou luz que se apaga lentamente, descarnado como a perder a santidade (MÃE, 2012, p.155-156).

Como ocorre com o personagem benjamim em *o nosso reino*, os males também se instauram na vida de Jó. Jó perde as posses e os filhos, mas não amaldiçoa Deus, ele apenas se recolhe em expressão de dor e luto: “rasgou seu manto e raspou sua cabeça” (Jó, 1, 20). Porém, no decorrer da narrativa ele sofre no próprio corpo: “Ele feriu Jó com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça” (Jó, 2, 7), tornando-se também impuro, pois teve que se instalar entre as cinzas: “Jó apanhou um caco de cerâmica para se coçar e sentou-se no

⁴ A palavra de origem desconhecida, inspirava terror, mas não correspondia a uma noção muito definida. Significa a vida reduzida e silenciosa, sem qualquer relação com Deus, vivida pelos mortos condenados por seu comportamento na terra. Este lugar de permanência situar-se-ia nas profundezas da terra, onde os mortos descem para uma triste sobrevivência. Seu sofrimento é descrito como irremediável e como a privação de tudo que evoca, simbolicamente, a luz do sol. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.967)

meio da cinza” (Jó, 2, 8). Entretanto, a vida de Jó é restabelecida, pois mesmo sem se justificar diante da criatura e sem a presença do Satã, Deus olha por ele: “Iahweh abençoou a Jó pelo fim de sua vida mais do que no princípio; possuía agora catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentos.” (Jó, 42,12), o que não ocorre com a vida de benjamim.

5 Considerações finais

Dessa maneira, retomando as primeiras comparações feitas na análise com relação à estrutura das narrativas e o seu possível diálogo com o gênero trágico, pode-se dizer que o romance **o nosso reino**, no que tange ao desfecho da narrativa, estaria mais próximo da concepção trágica das tragédias gregas, enquanto o **Livro de Jó** poderia ser enquadrado como uma tragédia cristã, pois a intervenção divina foi a maneira escolhida para resolver uma situação insolúvel, e é ela que possibilita a interpretação global da peça, que de certo modo seria uma obra educativa, sob o ponto de vista religioso.

Para tanto, delimitadas as diferenças históricas e estéticas entre as obras, fica claro que elas possuem pontos de encontro importantes que colaboram para análise teórico-crítica do romance de Mãe. Assim, algumas considerações sobre o sagrado e a prosa poética de **o nosso reino** foram elencadas aqui, mas de forma alguma fechou-se a questão. Outrossim, a conceituação ou apreensão completa do objeto só poderão ser demonstradas em uma análise mais extensa da obra, mas infelizmente isso não seria possível, tendo em vista a proposta da reflexão. Para tanto, acredita-se que a investigação mais detida sobre a composição formal da narrativa irá colaborar ainda mais para o seu entendimento.

Referências

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. RJ: José Olympio, 2016.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- MÃE, V. H. *o nosso reino*. São Paulo: Editora, 34, 2012.
- OTTO, R. *O sagrado*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAULA, A. C. de. Explicar e compreender: por uma teoria literária teológica religiosa. In: SPERBER, Suzi Fankl (Org.). *Presença do sagrado na literatura – Questões teóricas e de hermenêutica*. Campinas: UNICAMP-IEL-Setor de Publicações, 2011, p. 21-31.
- _____. A Teoria da Interpretação e a Hermenêutica Bíblica de Paul Ricoeur. In: *Teoliterária: Revista de Literaturas e Teologias*, v. 2, n. 4, São Paulo: PUCSP, p. 240-252, 2012.
- _____. *A Teia Dialógica da Teoria Literária: Uma Proposição Hermenêutica*. In: XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo: ABRALIC, 2008.
- RICOEUR, P. *A simbólica do mal*. Tradução: Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2015.

Religion and literature: considerations about the sacred in *our kingdom*

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 6
Number 1

Received in: 05/11/2020
Approved in: 14/12/2020

Abstract:

This work presents questions about the overlap between the universe of religion and literature in the work *our kingdom* by the author Valter Hugo Mãe. For this purpose, the objective is to demonstrate how the author's prose-poetics allows us to reflect on our experience before the sacred, due to its aesthetic and thematic construction. In addition, this perspective is added to an analysis compared of the work with the biblical Book of Job, due to the clear intertextuality present between the works. Finally, it is important to say that the methodology of analysis used was based on the perspective of the hermeneutic Ricoeurian.

Keyword:

Literary theory; literary criticism; sacred; theopoetic.